

FONOLOGIA DA LÍNGUA KRIKATI: ESTUDOS INICIAIS A PARTIR DE NOMES DE ANIMAIS

Autor(a): Valéria Costa Almeida ¹

Coautor(a): Neliane Raquel Macedo Aquino ²

Orientador(a): Márcia Suany Dias Cavalcante ³

RESUMO

O presente estudo constitui, por meio de análises iniciais a partir de nomes de animais, um levantamento grafo-fono-fonológico da língua Krikati, falada pelo povo Krikati da aldeia Jerusalém, localizada na região de Sítio Novo no Maranhão. O objetivo é analisar os aspectos básicos da fonologia e ortografia, incluindo fonemas, letras, sílabas e palavras, para estabelecer padrões que demonstrem como a língua se organiza, visando, assim, contribuir para sua preservação. A pesquisa surge do anseio da comunidade, que buscou o auxílio de pesquisadores⁴ para evitar a perda de sua língua, atualmente usada com muito mais frequência de forma oral e com registros escritos escassos e conflituosos, devido à falta de padronização. O estudo baseia-se nos pressupostos da fonética, fonologia, ortografia e estudos das línguas indígenas, analisando aspectos fonéticos, fonológicos e ortográficos da língua. Para tanto, a pesquisa foi realizada a partir do livro Põocatiji (2024), produzido pela comunidade indígena Krikati com o apoio de pesquisadores não indígenas. A obra apresenta palavras, transcrições fonéticas iniciais e áudios dos textos principais em língua indígena, além de três canções da comunidade que abordam animais. As palavras, suas transcrições e os áudios são o foco desta análise. O estudo⁴ apontou que a língua escrita apresenta marcação de sílaba tônica por meio de apóstrofo, o qual tem a função de indicar tonicidade. Além disso, com o corpus do livro, foi possível observar as formações silábicas das palavras e compreender sua estrutura, composta por consoantes, vogais e semivogais. Essas análises evidenciam a capacidade da língua de expressar conceitos simples e complexos. Os resultados são fundamentais para a preservação da língua Krikati, fornecendo bases para a padronização ortográfica e a criação de materiais didáticos que atendam às necessidades da comunidade.

Palavras-chave: Língua indígena Krikati. Levantamento grafo-fono-fonológico. Preservação linguística.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, Valéria Costa Almeida, Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - [UEMASUL, valeria.costa.almeida@uemasul.edu.br](mailto:UEMASUL,valeria.costa.almeida@uemasul.edu.br)

² Professor coautor(a): Dra Neliane Raquel Macedo Aquino, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, neliane@ifma.edu.br

³ Professor Orientador(a): Dra Márcia Suany Dias Cavalcante, Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, marciasuany@uemasul.edu.br

⁴ Esta pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).



No Brasil, observa-se um processo histórico e constante de desaparecimento das línguas indígenas. No entanto, apagar uma língua não significa apenas apagar um sistema de comunicação, mas também apagar toda a história e identidade de um povo — os povos originários, que têm papel fundamental na formação da sociedade brasileira. Esse processo de apagamento está diretamente ligado à predominância da oralidade nas comunidades indígenas, como é o caso da Krikati. A fragilidade das línguas indígenas não se deve apenas ao fato de serem, em sua maioria, orais, mas também ao contexto em que estão inseridas: uma realidade dominada pelo português, uma língua grafocêntrica e hegemônica, que se impõe nos territórios indígenas e invade sua cultura e cotidiano. Historicamente, os conhecimentos e a língua foram preservados na memória dos anciões, mas, com o passar das gerações, muitos desses saberes vêm se perdendo. Os mais jovens, muitas vezes, não têm acesso pleno à sua língua ancestral, pois há uma escassez de materiais didáticos registrados que possibilitem a introdução das crianças, desde cedo, à sua língua materna. A falta desses registros também dificulta a transmissão do conhecimento, já que, sem uma base comum, cada educador ensina de maneira diferente — o que contribui para o distanciamento da identidade cultural. Autores como Munduruku (2012) apontam que o silenciamento das culturas indígenas foi, por muito tempo, naturalizado na sociedade brasileira, sendo necessário o fortalecimento da luta por reconhecimento e preservação cultural. Rodrigues (1993, apud ALBUQUERQUE, 2016) destaca que são raras as descrições linguísticas completas das línguas indígenas, revelando um apagamento também acadêmico. Nesse sentido, como afirma Garcia (2004), a língua é a memória viva de um povo, e perdê-la é comprometer sua continuidade histórica e cultural.

A pesquisa realizada com o povo Krikati, localizada em Montes Altos – MA, surge como uma ferramenta essencial para a documentação da língua e a preservação da cultura. A população Krikati é estimada em aproximadamente 1.667 indivíduos, distribuídos por seis aldeias – São José, Raiz, Arraia, Jerusalém, Campo Alegre e Recanto dos Cocais – segundo o Censo Demográfico de 2022 [IBGE, 2022; Dutra & Machado, 2020]. Conduzida de forma colaborativa com os anciões e professores da educação básica da aldeia, a investigação permitiu estabelecer os primeiros registros estruturados sobre os aspectos básicos da fonologia e ortografia da língua Krikati.

Os estudos de fonética e fonologia compreendem a análise dos sons e sua relação com a representação gráfica. Através dessas análises, é possível entender quais sons estão presentes em uma língua e como eles se comportam em relação às formas escritas,



formando os chamados padrões grafo-fono-fonológicos. Como explica Cagliari (2002), quando não há um sistema ortográfico padronizado, surgem diferentes formas de grafar uma mesma palavra, o que pode gerar conflitos na tentativa de registro e ensino da língua. Esse cenário se repete entre os Krikati, como mostram as variações entre êh'po'teh e po'teh, formas diferentes de uma mesma palavra - análise realizada a partir do livro Põocatiji (2024). Em comunidades indígenas onde a tradição é oral, como é o caso da Krikati, a escrita ainda está em processo de construção. Conforme Massini-Cagliari e Cagliari (2004), a variação ortográfica em línguas em processo de padronização é natural e esperada. Assim, este estudo parte da compreensão de que analisar e registrar essas variações contribui para o fortalecimento da língua, para a produção de materiais didáticos e para a valorização da identidade cultural do povo Krikati.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com o povo Krikati, situado no município de Montes Altos – MA. O estudo foi realizado em conjunto com educadores da comunidade, priorizando a escuta ativa e a colaboração durante rodas de conversa. A entrada na comunidade foi previamente autorizada pelos líderes, com diálogo respeitoso desde os contatos iniciais.

A abordagem metodológica foi quali-quantitativa, pois combinou aspectos qualitativos, como a escuta das experiências dos educadores e a observação direta das práticas linguísticas cotidianas, com dados quantitativos, como a frequência de ocorrência de determinados fonemas, a contagem de vocábulos por campo semântico e a sistematização de padrões grafo-fonológicos. Essa combinação permitiu compreender os significados culturais e contextuais atribuídos à língua. O estudo foi realizado por meio de visitas presenciais, em contato direto com os indígenas, o que possibilitou identificar os conflitos existentes em relação à ausência de padronização na escrita da língua. As atividades contaram com a participação da comunidade acadêmica, incluindo linguistas, educadores da língua indígena e não indígena, e principalmente os educadores da aldeia, que atuaram como colaboradores essenciais na sistematização dos dados. Eles compartilharam seus conhecimentos sobre a língua e contribuíram para a definição de um padrão de escrita, abrangendo desde a organização do alfabeto até a identificação de consoantes, vogais e vocabulário tradicional, a partir de uma oficina sobre línguas solicitada pela própria comunidade — na qual foram apresentados conceitos teóricos da composição básica de uma língua, como fonema, sílaba e morfema —, iniciou-se a coleta de dados linguísticos com a participação ativa dos membros locais.



Em primeiro momento, foi organizada uma proposta de composição alfabética preliminar, com base na relação entre grafemas e fonemas observados na fala dos educadores da comunidade. Esse material inicial foi discutido coletivamente com os participantes, permitindo ajustes e validações a partir das percepções locais sobre os sons característicos da língua Krikati.

Em continuidade, foi elaborado um quadro-base que servirá como estrutura inicial para a produção de um futuro dicionário Krikati-Português. Esse quadro teve como foco a organização sistemática de palavras da comunidade, distribuídas por campos semânticos, como: animais, objetos, partes do corpo, termos de parentesco, alimentos, elementos da natureza e atividades cotidianas. A escolha dessas categorias se justifica pela sua relevância no contexto sociocultural e linguístico da comunidade, pois representam aspectos essenciais da vida cotidiana, da tradição oral e do modo de vida indígena. Além disso, a organização por campos semânticos facilita o reconhecimento de padrões linguísticos e pedagógicos, contribuindo para o uso futuro do material em contextos escolares e comunitários.

As anotações foram realizadas manualmente, em cadernos de campo, durante rodas de conversa e atividades linguísticas com os educadores indígenas. Parte da coleta referente aos nomes de animais foi complementada a partir do livro Põocatiji (2024), utilizado como referência para o levantamento lexical desse campo semântico. Todo o processo foi conduzido com base na escuta atenta e no respeito aos saberes tradicionais da comunidade, tendo como objetivo o registro fiel dos sons e estruturas da língua, contribuindo diretamente para sua preservação e fortalecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

A documentação e a padronização de línguas minoritárias, especialmente as indígenas, são processos cruciais para sua preservação e fortalecimento. No Brasil, observa-se um processo histórico e constante de desaparecimento das línguas indígenas, o que representa não apenas a perda de um sistema de comunicação, mas também o apagamento da história e identidade de um povo (MUNDURUKU, 2012). Esse processo é agravado pela predominância da oralidade em muitas comunidades indígenas, como é o caso da Krikati, e pela interferência do português, que se impõe nos territórios indígenas e invade sua cultura e cotidiano. A fragilidade dessas línguas também se deve à escassez de materiais didáticos registrados, dificultando a transmissão do conhecimento e contribuindo para o distanciamento da identidade cultural (MUNDURUKU, 2012).



A pesquisa com o povo Krikati, localizada em Montes Altos – MA, surge como uma ferramenta essencial para a documentação da língua e a preservação da cultura. A padronização da escrita não se limita à mera transcrição de sons, mas envolve um profundo entendimento da estrutura fonológica da língua e uma colaboração ativa com a comunidade de falantes. A língua é a memória viva de um povo, e perdê-la é comprometer sua continuidade histórica e cultural (GARCIAS, 2004).

Nesse contexto, os estudos de fonética e fonologia, conforme abordados por Seara (2011), tornam-se cruciais. A análise detalhada dos sons, que distingue entre fones (a realidade acústico-articulatória) e fonemas (as unidades distintivas da língua), permite compreender quais sons estão presentes na língua Krikati e como eles se organizam. Essa compreensão é a base para a criação de um sistema de escrita que, ao tentar representar os fonemas com grafemas, estabelece os chamados padrões grafo-fono-fonológicos (CAGLIARI, 2002). Assim, a aplicação dos princípios fonológicos, que buscam a "organização mental da linguagem" e as "distinções sonoras concernentes a línguas em particular" (Seara, 2011, p. 13), é fundamental para que a representação gráfica da língua Krikati seja transparente e eficaz, garantindo a sua vitalidade e transmissão cultural. Nesse sentido, a complexidade da ortografia e sua relação com a fala são pontos cruciais, especialmente em contextos de alfabetização. Cagliari (2002, p. 9) ilustra essa complexidade ao afirmar que:

"As regras da ortografia da língua conseguem normatizar alguns fatos, como estabelecendo que certas formas verbais acabam em I e não mais em E (ex.: distribui e não distribue), que se escreve Brasil com S e não com Z etc. Regras que envolvem a noção de sílaba ou de tonicidade são feitas numa interpretação que leva em conta a identificação desses fatos na escrita e não na fala, o que acarreta, quase sempre, interpretações equivocadas da escrita e da fala."

Essa distinção entre a escrita e a fala é fundamental para o ensino da ortografia, pois demonstra que a grafia das palavras nem sempre reflete diretamente sua pronúncia, um desafio particular em processos de alfabetização, como o de crianças indígenas que estão aprendendo a transcrever sua língua oral.

O estudo da fonética, em particular da fonética articulatória, permite descrever como os sons da fala são produzidos pelo aparelho fonador humano. Conforme explica Seara (2022, p. 17), “fonador quer dizer aquele que produz voz. A fala é o resultado da articulação deste som. Os órgãos que utilizamos para produzir os sons da fala não têm como função principal a articulação dos sons. Eles servem primeiramente para respirar,



mastigar, engolir, cheirar.” Essa distinção é fundamental, pois sublinha que a produção da fala é uma função secundária de órgãos com propósitos biológicos primários. A autora (id) prossegue detalhando a composição do aparelho fonador, dividindo-o em regiões subglótica e supraglótica, e destacando o papel da glote, da laringe, dos pulmões e do diafragma no processo de produção sonora. A aplicação desses conhecimentos é essencial para a análise da emissão de sons pelos falantes, permitindo uma descrição precisa dos mecanismos que tornam possível a fala em qualquer língua, incluindo a Krikati.

A partir da fonética articulatória, é possível identificar os fonemas de uma língua – as menores unidades sonoras capazes de distinguir significados. A organização desses fonemas em sílabas e a compreensão da estrutura dos morfemas (as menores unidades de significado) são passos subsequentes que permitem mapear a complexidade sonora e morfológica de uma língua. A transcrição fonética, baseada na fonética articulatória, torna-se a ferramenta primária para mapear esses fonemas e identificar padrões grafo-fono-fonológicos, revelando as relações entre a escrita e a oralidade, e observando variações significativas que podem existir.

No entanto, a ausência de padronização e a predominância da oralidade tornam as línguas indígenas vulneráveis a processos de erosão fonética. Observa-se um enfraquecimento fonético em determinadas palavras e expressões, especialmente entre as gerações mais jovens, onde sons marcados por nasalidade ou prolongamento vocálico aparecem reduzidos ou substituídos por equivalentes do português. Seara (2011, p. 111–112) explica que, em línguas sujeitas à instabilidade ou influência externa, é comum ocorrer o enfraquecimento de traços fonológicos específicos, como a nasalidade e a duração vocálica. Esse fenômeno reflete uma tendência à simplificação articulatória.

De acordo com Frazão, Aquino e Sá (2025), a utilização das tecnologias digitais representa uma estratégia eficaz para a preservação linguística de comunidades indígenas, especialmente em um contexto no qual grande parte das línguas encontra-se ameaçada de extinção. No caso da comunidade Krikati, no Maranhão, o distanciamento dos jovens de sua língua materna têm comprometido a transmissão intergeracional. Nesse sentido, os autores relatam o desenvolvimento de um protótipo de aplicativo bilíngue (Krikati–Português), elaborado pela metodologia Design Science Research, que alia inovação tecnológica e produção de conhecimento científico. O recurso, intitulado Dicionário Krikati, foi construído de forma participativa com os próprios indígenas, contemplando funcionalidades como pesquisa de palavras, tradução e acesso a textos produzidos pela comunidade. Além de documentar e valorizar a língua, a iniciativa contribui para o



fortalecimento da identidade cultural, funcionando como instrumento de resistência e como modelo para projetos semelhantes em outras línguas indígenas.

Na aldeia Krikati, por exemplo, observa-se esse processo em palavras que se encurtaram com o tempo, perdendo parte de sua complexidade fonética original devido a fenômenos como a assimilação. Tomemos as formas êhmpoo, êhmpo-mo e êhmo como ilustrações. Na primeira forma, êhmpoo, todos os sons são pronunciados distintamente. Logo, em êhmpo-mo, o som do fonema bilabial nasal /m/ já influencia o fonema bilabial oclusivo /p/ que o segue, dada a proximidade de seus pontos de articulação. Na forma êhmo, o fonema /p/ desaparece completamente, resultando em uma assimilação total onde o /m/ absorve ou se funde com o /p/, demonstrando uma simplificação articulatória progressiva.

Munduruku (2012) reforça que essa erosão não atinge apenas a estrutura sonora da língua, mas também o modo como um povo se reconhece. Para ele, a perda dos sons tradicionais é o primeiro passo para o apagamento da identidade cultural, pois é pela fala que se transmitem histórias, afetos, pertencimentos e modos de viver. D'Angelis (2013) complementa que, em línguas indígenas cuja ortografia é recente ou ainda em construção, o distanciamento entre fala e escrita é quase inexistente, o que torna ainda mais vulneráveis os traços fonológicos à medida que se alteram na oralidade. Ou seja, quando a escrita não está plenamente consolidada, qualquer mudança na fala pode facilmente apagar traços linguísticos fundamentais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado do primeiro encontro com os educadores Krikati foi o início do levantamento grafo-fono-fonológico com a discussão sobre a composição do alfabeto da língua. Constatamos que, embora a língua possua uma rica variedade de sons e expressões tradicionais, existiam ainda muitas dúvidas e variações na grafia das palavras, evidenciando a ausência de uma convenção ortográfica formalizada. A construção do alfabeto foi realizada de forma colaborativa, respeitando os conhecimentos orais da comunidade e comparando os sons da língua com as letras do alfabeto da língua portuguesa. Abaixo, apresenta-se o alfabeto da língua Krikati em comparação com o da língua portuguesa.



ALFABETO DA LÍNGUA PORTUGUESA: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X
Y Z

ALFABETO DA LÍNGUA KRIKATI: A C E F H I J K M N O P Q R T U W X Y

A partir da definição do alfabeto Krikati, procedeu-se à análise fonológica e silábica de nomes de animais registrados no livro Põocatiji (2024). Essa etapa teve como objetivo observar a estrutura das sílabas e compreender como se organizam os padrões sonoros da língua, possibilitando uma visão inicial sobre os processos fonológicos que a compõem.

Entre os exemplos analisados, destaca-se o nome A'-xyh, cuja estrutura silábica evidencia a combinação entre vogais e consoantes de modo característico. O termo apresenta duas sílabas: a primeira composta apenas por uma vogal (A, estrutura V) e a segunda formada por uma sequência consoante + vogal + consoante (xyh, estrutura CVC). O apóstrofo (') foi marcado como elemento prosódico, indicando uma pausa ou acento de natureza suprasegmental, sem representar um fonema específico. Essa configuração pode ser descrita como “vogal isolada seguida de consoante + vogal + consoante”, conforme demonstra a Tabela 1.

Sílaba	Letras	Estrutura	Descrição
A'	a	v	vogal
xyh	x, y ,h	cvc	consoante+ vogal+consoante

Outro exemplo é o nome Pýa, cuja composição apresenta uma estrutura CVV, composta por uma consoante seguida de semivogal e vogal. Nessa formação, o “ý” funciona como semivogal, representando o som aproximante /j/, e o “a” atua como núcleo vocálico da sílaba. Essa configuração demonstra a ocorrência de sílabas com núcleo vocálico complexo, fenômeno recorrente em línguas indígenas, conforme mostrado na Tabela 2.

Sílaba	Letras	Estrutura	Descrição
Pýa	p, ý, a	cvv	Consoante+ semivogal+ vogal

A análise comparativa dessas palavras evidencia uma tendência à simplicidade silábica na língua Krikati, com predominância de estruturas do tipo V, CVC e CVV. Esse padrão fonotático demonstra certa regularidade na disposição das consoantes e vogais, característica que contribui para a identificação das regras de formação silábica do



idioma. Além disso, a ocorrência de marcas prosódicas, como o apóstrofo em A'-xyh, reforça a relevância dos aspectos suprasegmentais — como entonação, pausa e ritmo — para a compreensão mais ampla da fonologia Kiribati.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa no território, em parceria com os educadores e demais membros da comunidade Krikati possibilitou a construção de um levantamento grafo-fono-fonológico inicial da língua, com foco na escuta ativa, no respeito à oralidade e na valorização dos saberes tradicionais. Através do contato direto com os falantes, foi possível identificar os sons mais recorrentes da língua, observar variações entre gerações e construir, em diálogo, propostas de representação gráfica, além de registrar um vocabulário inicial que reflete aspectos significativos da cultura local.

O estudo demonstrou que a língua Krikati possui um sistema fonológico próprio, complexo e expressivo, que não pode ser reduzido às convenções da língua portuguesa. Ao mesmo tempo, evidenciou-se o risco de erosão fonética em curso, principalmente entre as gerações mais jovens, o que reforça a urgência de ações voltadas à preservação e valorização do idioma, especialmente no contexto educacional. Essa constatação dialoga com D'Angelis (2013), ao destacar que, em línguas indígenas cuja ortografia é recente ou ainda em construção, o distanciamento entre fala e escrita é quase inexistente, o que torna ainda mais vulneráveis os traços fonológicos à medida que se alteram na oralidade. Ou seja, quando a escrita não está plenamente consolidada, qualquer mudança na fala pode facilmente apagar traços linguísticos fundamentais — como foi possível observar na comunidade Krikati.

Embora os resultados não constituam ainda um inventário completo, representam um ponto de partida importante para a sistematização da língua Krikati em materiais escolares, glossários ou mesmo dicionários bilíngues. A continuidade deste trabalho — com a ampliação do vocabulário, aprofundamento das regras gramaticais e criação de recursos pedagógicos — pode fortalecer a presença da língua nas escolas da aldeia, garantindo não apenas sua transmissão linguística, mas também a preservação da memória, da identidade e da autonomia cultural do povo Krikati.

REFERÊNCIAS



ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Inventário fonológico da língua (Jê) Apinayê. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; CALDAS, Raimunda Benedita Cristina; ARAUJO, Marcilene de Assis Alves; ALMEIDA, Severina Alves de. *Ensino de línguas numa perspectiva intercultural*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 23 fev. 2024.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e ortografia. *Educar*, Curitiba, n. 20, p. 43-58, 2002. Editora UFPR.

COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. *Revitalização e ensino de língua indígena: interação entre sociedade e gramática*. 2013.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Fonética e fonologia na formação de professores indígenas. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 10, n. 4, p. 324-341, out./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2013v10n4p324>. Acesso em: 24 mar. 2025.

DIAS, A. de L. L. (org.). *Alfabetização na língua escrita materna a partir das práticas pedagógicas dos professores indígenas Krikati*. Imperatriz, MA: Ethos, 2013.

DROPA, Romualdo Flávio; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. A cultura e a língua indígena na constituição federal de 1988. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; CALDAS, Raimunda Benedita Cristina; ARAUJO, Marcilene de Assis Alves; ALMEIDA, Severina Alves de. *Ensino de línguas numa perspectiva intercultural*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

DUTRA, G. E.; MACHADO, N. T. G. Território Etnoeducacional Timbira: avanços e retrocessos na visão do povo indígena Krikati. *Revista Cocar*, v. 14, n. 29, p. 3-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3343>. Acesso em: 25 set. 2025.

FRAZÃO, Gilvânia Elen Costa; AQUINO, Neliane Raquel Macedo; SÁ, Varley Santos de. Desenvolvimento de um protótipo de aplicativo para preservação linguística da comunidade indígena Krikati: uma abordagem design science research. In: *Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade (WICS)*. SBC, 2025. p. 198-207.

MASSINI-CAGLIARI, Gládis; CAGLIARI, Luís Carlos. Categorização gráfica e funcional na aquisição da escrita e da leitura em língua materna. *Calidoscópio*, v. 2, n. 1, p. 89-94, jan./jun. 2004.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

PICANÇO, Gessiane Lobato. *Introdução ao Munduruku: fonética, fonologia e ortografia*. Brasília: LALI/UnB, 2012. 42 p.



PÕOCATIJI / PEDRA, Stefânia Cabral; SOUZA, Rone Guedes de; AQUINO, Neliane Raquel Macedo (orgs.). *Põocatiji*. Imperatriz, MA: [s. n.], 2024.

SANSÃO, Jonas Polino; GA VIÃO, Paulo Belizário. Pryhyre me pryhyre jara. In: SOUSA, Emilene Leite de; ARAUJO, Karitânia dos Santos (orgs.). São Luís: EDUFMA, 2022.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer: fonética e fonologia do português brasileiro*. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, Rosane. *The influence of pronunciation instruction on the perception and production of English word-final consonants*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ZIMMER, Márcia Cristina; ALVES, Ubiratã Kickhofel. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexionismo. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 101-143, jul./dez. 2006.

